

O corpo escravo: suas condições físicas e de saúde nos anúncios de fuga do jornal *A Matutina Meiapontense* (1830-1833)

Antonio Marcos Cardoso de Jesus<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo investigar o cotidiano dos escravos a partir do controle do corpo escravo, suas condições físicas e de saúde nos anúncios do jornal goiano *A Matutina Meiapontense*, entre março de 1830 à dezembro de 1833. Para tal, analisa os anúncios de fuga escrava e as abordagens que o jornal dava aos cativos, seja por meio dos anúncios, cartas de leitores e até mesmo, textos escritos pelos próprios redatores do jornal. As evidências contidas nesses documentos podem ser relacionadas ao controle do corpo escravo, pelo próprio senhor e pela justiça, uma vez que o escravo era considerado um objeto ou mercadoria no século XIX, característica da própria escravidão. Além de coisificar e adestrar o escravo ao seu próprio interesse, reduzindo assim, sua condição de ser humano, a escravidão tinha o poder de controlar o corpo escravizado transformando-o em objeto, pois assim o cativo era utilizado em sua totalidade. Essa posição adotada pelo próprio sistema corroborava para o aumento de fuga de escravos, assim, conseqüentemente, também aumentava o número de anúncios de escravos em fuga nos jornais do país feitos por seus senhores. Nesses anúncios, além de revelarem as características físicas dos negros fugitivos, também revelavam marcas no corpo de castigos sofridos e marcas de doenças que o modificava. Logo, esse tipo de documentação possibilita analisar uma série de informações sobre a realidade escravista em Goiás e no Brasil pelos anúncios de jornais.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo, jornal, anúncio de escravo, Goiás.

Desde 1930, os anúncios de jornais do século XIX que citavam escravos foram fontes de grande interesse para Gilberto Freyre, considerado o precursor no estudo e análise deste tipo de fonte. Em 1934, Freyre publicou o ensaio “*Deformações de corpos de escravos fugidos*”, que segundo ele, despertou pouco interesse do público. Em 1963, publicou “*O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*”, com o objetivo de entender os aspectos da escravidão através dos anúncios de jornais que tinham os cativos fugidos como protagonistas. Na década de 1960, esse tipo de abordagem proferida por Freyre, era uma novidade e inovação em termos metodológicos e teóricos. No entanto, foi só com o desdobramento da historiografia, a partir da década de 1980, com o uso de novas fontes e abordagens, que a obra de Freyre foi revisitada e resgatada, percebendo assim, a sua originalidade com relação ao método e nas fontes, até então desprestigiadas.

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás na área de concentração Cultura, Fronteiras e Identidades. Linha de Pesquisa: Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História. Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado de Goiás. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). E mail: ant.marcoscardoso@gmail.com

O jornal *A Matutina Meiapontense* era o principal periódico de circulação na Província de Goiás no século XIX. Seu conteúdo era extenso: ia desde notícias da Europa a anúncios de aluguel, venda de imóveis, máquinas, cartas de leitores e escravos. Os anúncios, muitas vezes, eram repetitivos e traziam informações dos escravos em fuga, como por exemplo: idade, aparência física, profissão, costumes, em alguns casos citavam o nome do proprietário e muitos ofereciam gratificações. Era frase comum nos anúncios: “*Protesta-se com todo o rigor da lei, a quem tiver acoitado.*” Percebe-se que tal frase nos anúncios se dava devido à proteção dada ao escravo fugitivo, como uma possível adesão à causa abolicionista ou então uma mão-de-obra mais barata, ou seja, do escravo fugido como livre. Através desses anúncios, percebemos que existia uma manutenção da ordem escravista e do corpo escravo através dos jornais.

A concepção teórico e metodológica que nos serviu de base para a composição desse estudo baseou-se nas discussões entre a História Social e Cultural, assim, como a aproximação de outras áreas do conhecimento que dialogam com a História: Antropologia, Sociologia, Direito, além dos anúncios de fuga de escravos e as abordagens que o próprio jornal dava sobre os mesmos. Recorremos também a Michel Foucault (1999) para compreendermos o conceito de corpo, o poder e controle que os senhores e a própria justiça exerciam sobre os corpos escravizados.

Os anúncios devem ser relacionados à tentativa de se conhecer, identificar, analisar e compreender melhor as condições de vida e o escravo que fugia. Ressaltamos também que o escravo era “humanizado” quando cometia um crime. A fuga de escravos era um crime e assim, deveria ser lhe aplicado o Código Penal vigente. Devido a isso, Jacob Gorender (2001) nos ensinou que o crime era o primeiro ato de “humanização” do escravo. Para a primeira fuga, o negro fugitivo era castigado com cinquenta chicotadas e em caso de reincidência, aumentava-se para cem. Nos relatos dos viajantes europeus que estiveram em Goiás durante o Oitocentos, os capitães do mato utilizavam de castigos que mutilavam o corpo do escravo para que confessasse o nome e o endereço do seu “dono”. Esse castigo era o anjinho, que esmagava os dedos polegares do escravo para que assim, ele desse a informação buscada pelo capitão.

De acordo com a legislação penal da época, os escravos que fugiam eram obrigados a usar um colar de ferro. A polícia tinha ordens para prender qualquer escravo que o usasse e se

o escravo fosse encontrado à noite, o mesmo era encaminhado à cadeia até o dia seguinte e seu “dono” devidamente avisado. Nos processos criminais de escravos fugitivos arrolados na pesquisa, cinco escravos foram condenados a seiscentas e cinquenta chicotadas cada um, sendo que por dia, seriam castigados com cinquenta. E ainda como mandava a lei, eram obrigados a andarem com o colar de ferro no pescoço durante três anos.<sup>2</sup>

Em Goiás a lei era rigorosa aos escravos fugitivos e desertores, pelo menos em teoria, uma vez que escravos em fuga de outras partes do Império, ao serem anunciados no Jornal *A Matutina Meiapontense* e capturados em terras goianas, eram tratados de acordo com a lei vigente, o que demonstra o poder que era exercido sobre o corpo do escravizado:

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta, nono da Independencia, e do Imperio, aos quatorze de outubro nesta Cidade de Goyáz, em cazas do Juiz de Paz, o Conego Luis Bartholomeu Marques, onde eu escrivão ao diante nomeado ouvindo, e sendo ali o Juiz de Paz passou ordem por escrito ao carcereiro para fazer vir perante ele hum prêzo, cujo nome se não sabia, o qual foi conduzido do Currallinho pelo capitão do Mato Jose dos Santos por entender que era escravo fugido e entregue de ordem do mesmo. Juiz ao dito carcereiro no dia de hontem pelas oito horas da noite, a fim de proceder a este auto de exame e averiguação e tendo vindo com effeito o mencionado prêzo, conduzido pelo dito Capitao do Mato. Juiz de Paz fez-lhe as seguintes perguntas: Como se chamava? Qual idade tinha? Donde era natural? Como se chamava seus pais? Se era forro ou captivo? Se casado ou solteiro? Qual era seu officio? Donde tinha vindo? Se só ou acompanhado? Qual era sua pertença? Se traria passaportes? A cada uma dessas perguntas, o dito prêzo foi respondendo, e disse: que se chamava Joaquim Alvares dos Reis: que tinha 30 anos, pouco mais ou menos: que he natural da Villa de Maragogipe, termo da Villa da Cachoeira na Provincia da Bahia: que he filho natural Joana Ribeira; que e forro de nascimento: que he solteiro: que seu officio he de ferreiro: que tinha chegado a poucos dias do Cuiabá: que veio só daquella cidade para esta, que a sua intenção era trabalhar pelo seu officio: ou assentar pouso: que não trouxe passaporte algum. Fiz-lhe mais perguntando: como tinha passado da Bahia para Cuiabá? Em serviço de quem? Havia nessa cidade algumas pessoas que o conhecem? Respondeu que tinha vindo e passado por Cuiabá com o Regimento dos Periquitos onde tinha Praça de Soldado para ali servir o Estado, e que nesta cidade havia quem o conhecesse, que era o Sargento Ajudante Manuel Pinheiro de Lemos. Respondeu mais, que ele he desertor, mas que sua deserção he simples, pois que nada conduziu da Fazenda, e que antes a fazenda lhe ficou devendo para cima de cem oitavas de seu soldo, e que por viver opprimido de necessidades, foi que cahira neste erro do qual se arrepende, para mostrar que não foge do serviso, desde já se offereceo voluntariamente para assentar Praça no Batalhao nº 29, e que está pronto, não só a servir nos detalhes militares, mas também na arrumação do quartel. Feitas ultimas perguntas, as respostas assisti o dito Sargento Ajudante Manuel Pinheiro de Lemos, e disse que o conhece bem ao perguntar e que ele com efeito viera com Praça no Regimento de Periquitos e que he oficial de ferreiro. A vista que mandou o Juiz de Paz lavrar este auto para ser remetido ao Illmo Exmo Senhor presidente da Provincia, depois de averiguado, sendo a remessao por copia por estar o original neste protocolo. Eu Antonio Francisco dos Santos Silva, escrivão do Juiz de Paz que o escrevi= Luis Bartholomeu Marques – Joaquim Alvares dos Reis, Manuel Pinheiro de Lemos, Sargento Ajudante do Batalhao de caçadores nº137= Antonio Francisco dos Santos Silva. Esta conforme o Juiz de Paz- Antonio Francisco dos Santos Silva. Está conforme.

<sup>2</sup> Fundação Educacional da Cidade de Goiás [FECIGO – Casa Frei Simão Dorvi]. Documentação avulsa e sem numeração na caixa.

O Secretário do Governo Antonio Ferreira dos Santos Azevedo. (Arquivo Histórico do Estado de Goiás, AHGO, caixa 17, documento avulso).

O documento foi escrito em outubro de 1830, período de transição entre as Ordenações Filipinas e a promulgação do Código Criminal de 1830. O mesmo nos permite inferir alguns questionamentos: será que o negro foi comprado na Bahia e por ser forro fugiu de Cuiabá para Goiás? De fato a profissão dele era ferreiro? Era mesmo um Praça de Soldado que servia ao exército e tornou-se um desertor por não ter recebido seu soldo? Então, o preso que não portava nenhum documento e para demonstrar a veracidade de seus dizeres, se ofereceu voluntariamente para assentar Praça do Batalhão, para servir nos afazeres militares ou para organiza e arrumar o quartel, evidenciando assim, que não foge de nenhum tipo de trabalho. Desse modo, o escravo fugitivo ou o desertor era punido com o rigor da lei e o documento ilustrou tal situação, um negro em fuga de Cuiabá e interrogado pelas autoridades competentes de Goiás.

Através dos anúncios de fuga, tinha-se um indicativo de uma parcela da realidade escravista, possibilitando analisar uma gama de informações sobre esta, tais como: perfil dos fugitivos, quantos fugiam por ano, quem eram, procedência étnica, comportamentos culturais e condições de saúde. A partir desses anúncios, podemos fazer inferências a respeito das condições físicas dos escravos e as causas que os levavam a fuga. Segundo Mary Karash (2000), eram diversas as causas para a fuga, como os maus tratos, os castigos excessivos, o trabalho compulsório, a má alimentação, dentre outros. Ou seja, não faltavam razões para a fuga de escravos. No entanto, os anúncios de escravos, conforme Marcia Amantino<sup>3</sup>, trata-se de amostragens e, como tais, seus resultados não devem ser vistos como absolutos, além serem “elaborados a partir da convivência que o senhor tivera com o escravo antes da fuga”<sup>4</sup> e da própria concepção acerca da escravidão nessa sociedade.

---

<sup>3</sup> AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio(RJ) em 1850. In: Revista História, Ciência, Saúde- Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1377-1399, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n4/14.pdf>>. Acesso em: 20/09/2015.

<sup>4</sup> DIAS, Elaine Cristina Jorge. As condições físicas e de saúde dos escravizados nos anúncios de jornais da Paraíba Oitocentista (1850-1888), UFPE, 2011. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista/index.php?prog=mostraartigo.php&idcodigo=220>. Acesso em 28/12/2015.

No que diz respeito à história da doença dos escravos, esta passou a ganhar espaço na medida em que a historiografia da escravidão abriu caminho para novas abordagens e perspectivas sobre a temática, sobretudo acerca da condição social dos escravizados e de suas formas de luta e resistência ao sistema escravista. Isto porque as condições de trabalho, higiênicas, climáticas eram determinantes para o desenvolvimento das doenças entre os escravizados<sup>5</sup>, as quais resultaram muitas vezes em altos índices de mortalidade entre estes, tornando-se desta forma, um ponto essencial para os pesquisadores que se propõem a discutir as condições de vida da população escravizada.

Gilberto Freyre na obra *Casa Grande & Senzala*(2002) também enfatizou em sua pesquisa que, dentro do sistema econômico escravocrata os senhores e escravos possuíam a “melhor alimentação”. No entanto, a população livre e pobre eram aqueles cujos indivíduos eram mais débeis e incapazes, pois eram mal alimentados, e doenças como a boubá, beribéri, as avitaminoses, sífilis e anemia estavam presentes nesse grupo social. (MAGALHÃES, 2014.)

No livro *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, Freyre (1979) descreveu a falta de vitaminas, nos levando a perceber as carências nutricionais entre esses grupos sociais. A carência alimentar transpareceu nos casos de problemas ósseos, demonstrando o raquitismo: pernas arqueadas, joelhos caídos, saliências ósseas na cabeça ou deformidades do tórax, traços característicos de insuficiência da vitamina D no organismo. (MAGALHÃES, 2014).

A obra de Freyre (2002) foi criticada por alguns historiadores, pois o autor apresentou os senhores e os escravos como os grupos mais bem alimentados. O senhor só alimentava bem o escravo para que ele produzisse mais. Ele era comparado a uma máquina, em que o dono a abastecia com alimentos para que “ela” pudesse trabalhar adequadamente. Não eram fornecidos a esse escravo os “alimentos protetores”, como leite, manteiga, legumes, verduras ou frutas, sendo que estes garantiriam o bom funcionamento e desempenho dessa “máquina”. Dessa forma, “as senzalas constituíam espaços de doenças nutricionais e de tantos outros males habituais.” (MAGALHÃES, 2014, p. 45). A dieta do escravo era a mais pobre, limitando-se a três ou quatro sardinhas por dia e a grande massa de angu de farinha. Logo, os escravos não

---

<sup>5</sup> É importante destacar que estas doenças, analisadas a partir dos anúncios de jornais, não atingiam apenas os escravizados, mas, a todos os grupos sociais.

eram bem alimentados e sim, ingeriam uma quantidade maior de alimentos para conseguirem trabalhar como uma máquina na potência máxima.

Por meio dos jornais é possível ter uma visão do universo em que os escravos viviam. Luiz Mott<sup>6</sup> destacou que um levantamento sistemático destes anúncios permite ao pesquisador interessado no estudo da população escrava, reconstruir minuciosamente inúmeros traços desse segmento que outras fontes (censos, cartas de alforria, matrículas), omitem ou são lacunosas a exemplo da ocupação, proprietários anteriores, além da aparência do sujeito.

No que diz respeito a este último aspecto, isto se torna possível de analisar, pois os anúncios de escravos fugidos eram “verdadeiros ‘retratos falados’ que numa época anterior à fotografia, constituem a imagem fiel que podemos dispor da aparência física e outras características da escravaria”<sup>7</sup>. Sendo assim, os anúncios de escravos permitem problematizar diversos aspectos do cotidiano e das condições em que viviam a população escravizada em Goiás na primeira metade do século XIX.

A historiadora Lília Schwarcz<sup>8</sup> também se utilizou dos jornais do final do século XIX para discutir a imagem dos negros expressa na imprensa paulistana entre as décadas de 1870 e 1900. Cabe ressaltar, que além deste estudo, outras pesquisas foram<sup>9</sup> e continuam sendo desenvolvidas a partir da utilização de anúncios de jornais de escravos do século XIX para analisar novos aspectos da população escravizada, ou seja, este material continua sendo uma importante fonte de conhecimento.

Os anúncios do jornal *A Matutina Meiapontense* na primeira metade do século XIX, em Goiás, eram apresentados como notícias ou avisos, pois não existia uma estrutura fixa e rígida para os mesmos. Cabia, portanto, ao anunciante o preenchimento ao espaço destinado a sua divulgação da forma que melhor lhe conviesse e assim, percebemos em seu texto um tom pessoal relacionados aos escravos publicados no referido jornal na primeira metade do século

<sup>6</sup> MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, V, 1986, Águas de São Pedro. Anais... Águas de São Pedro: [s.n.], 1986.

<sup>7</sup>MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe, p. 4.

<sup>8</sup>SCHWARCZ, Lília Moritz. Retrato em branco e negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>9</sup>A utilização do anúncio enquanto fonte de pesquisa e análise pode ser percebida em obras como a de Karasch, Amantino, Ferrari, Lima, entre outras.

XIX. No anúncio que se segue, o escravo fugitivo era do Rio de Janeiro e fora anunciado no jornal do Sertão:

Roga-se nos a publicação do seguinte 100,000 Réis

A quem pegar ou der noticia, e por isso for preso hum preto por nome Antonio Congo, cheio de corpo, terá 20 annos de idade, pouca barba, os dentes da frente da parte de cima abertos, tem no peito direito ou esquerdo carimbada a letra B, com hua pequena cicatriz no peito de hum pé, pés delgados, fugiu no dia 2 de Septembro de 1829, seo Snr. he Manoel Ignacio Soares Lisboa, morador no Rio de Janeiro na rua da Cadea N° 16, e tem protestado contra quem o tiver, e a vista deste o não entregar.[Grifos nossos.]<sup>10</sup>

No anúncio do escravo Antonio Congo uma característica física do escravo chama a atenção: o escravo era *cheio do corpo*. Esta descrição poderia indicar que o escravo estivesse com excesso de peso ou ainda, conforme Mary Karash (1999), poderia ser sinais de elefantíase-dos-árabes e elefantíase-dos-gregos, já que ambas engrossavam e desfiguravam o corpo. A este respeito, Karasch<sup>11</sup> destacou que pelos sintomas descritos na elefantíase-dos-árabes tratava-se de filariase, “uma doença causada por um parasita invasor que se instalava nos vasos linfáticos” (KARASH, 2000, p. 233). À medida que estes parasitas se multiplicavam, as pernas, o escroto e os seios inchavam de tal forma, que no caso dos membros inferiores, poderiam atingir tamanhos e aparência extremamente aumentadas.

A partir deste anúncio é possível perceber a “voz do dono”, que “caracteriza-se por exprimir as relações de poder na qual se encontra existentes na época e próprias dessa e do lugar do poder na qual se encontra quem fala: a classe dos donos de escravos”<sup>12</sup>. A partir da fala do anunciante, no caso o dono do escravizado, podemos também encontrar indícios sobre a condição física e de saúde deste cativo, conforme descrito e destacado anteriormente.

A condição de cativo em que os escravos viviam, tais como moradia, alimentação e vestimenta somada às longas e repetitivas jornadas de trabalho realizadas por estes, estavam presentes nos anúncios de escravos fugidos ao serem citadas às condições físicas dos escravizados e seus problemas de saúde. Na fonte citada anteriormente, o escravo Antonio Congo apresentava uma marca no peito que nos leva a inferir que este escravo era reincidente na fuga ou que tal cicatriz pudesse ser a inicial do nome de seu antigo dono, uma vez que os

<sup>10</sup>Jornal *A Matutina Meiapontense* de 30 de setembro de 1830.

<sup>11</sup>KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

<sup>12</sup>FERRARI, Ana Josefina. *A voz do dono: Uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos*. Campinas: Editora Pontes, 2010, p. 103.

escravizados eram marcados com ferro quente. Assim como, a cicatriz no peito de um de seus pés delgados (magros) pudesse ser marca de algum castigo ou de alguma doença. E também o anúncio nos mostra uma gratificação elevada a quem o trouxer até seu dono, assim como, quem estiver em posse desse escravo, poderia sofrer um protesto.

O anúncio demonstrou o domínio que o senhor exercia sobre o corpo escravo anunciado. Pois o escravo era jovem, teria uma longa vida laborativa, o que renderia muitos lucros ao seu senhor. E este, ao protestar na justiça quem estivesse “acoitando” ao negro, demonstrava que os senhores também buscavam a garantia de seu poder de “dono”, “proprietário” deste corpo escravizado.

Na província de Goiás, foi constante o déficit de mão-de-obra escrava desde o início do século XIX. O censo de 1832 aponta que na cidade de Goiás, para uma população de 14.051 habitantes, 2.975 eram escravos. No censo seguinte, em 1848, a cidade contava com 15.524 moradores, dos quais, apenas 2.096 eram escravos.<sup>13</sup>

Alguns estudos, mais específicos da década de 1820, apontam que a escravidão parecia caminhar para seu fim no sertão. Houve a redução no número de escravos na terra dos Guayazes ao longo do Oitocentos. Nesse sentido, é importante os ensinamentos do historiador Danilo Rabelo (2010):

Além da ruralização ocorrida na transição da mineração para a agropecuária de subsistência, a redução do número de escravos encontrou explicação em outras causas. Uma delas foi o término do tráfico negreiro, que impediu a reposição de novos contingentes de escravos. No caso de Goiás, houve, inclusive, a exportação dos escravos existentes para as províncias do centro-sul, de economia mais dinâmica. ( p. 65).

Rabelo (2010) também apresentou dados quantificáveis que corroboram com essa questão de redução no número de escravos em Goiás no século XIX. De 1804 a 1848, o número de escravos diminuiu em 67 %, e, comparado com a população total da cidade, caiu de 47% para 13,5%. No período de 1848 a 1872, a população escrava decaiu em 67,8%, e a porcentagem de escravos em relação à população total caiu de 13,5% para 8,0%, conforme observamos na tabela abaixo:

**TABELA 1- PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO ESCRAVA NA CIDADE DE GOIÁS (1804-1872)**

ANO	POPULAÇÃO LIVRE	ESCRAVOS	POPULAÇÃO TOTAL	% DE ESCRAVOS
-----	-----------------	----------	-----------------	---------------

<sup>13</sup> Códice 808, volume 1, folha 96 e 117, ANRJ



1804	4.992	4.432	9.424	47,0
1832	11.076	2.975	14.051	21,1
1848	13.478	2.096	15.524	13,5
1872	16.305	1.422	17.727	8,0

Fonte: Transcrito de RABELO, 2010, p. 65

Assim, a documentação pesquisada nos mostrou que os proprietários solicitaram ao rei, a compra de mais escravos, “pois em 1820, na mesma, há falta destes”.<sup>14</sup> Ora, mesmo existindo redução no número de escravos em Goiás, ainda era grande a quantidade crimes cometidos por estes no século XIX. Assim, o Professor Parada Filho (1992) concluiu em seu estudo que houve um aumento no número de crimes perpetrados por escravos nas décadas posteriores a 1820 em Goiás.

Com esse déficit de mão-de-obra escrava em terras goianas, muitos escravos chegaram à Goiás para trabalhar na mineração, já em declínio. No dia 23 de dezembro de 1830, o jornal *A Matutina Meiapontense* publicou um aviso de que um grupo de escravos vindos do Rio de Janeiro para Goiás, pertencentes a uma sociedade mineralógica, e que na altura do Rio Corumbá, no Distrito de Santa Cruz, um deles entrou em fuga. O anúncio, não citava o nome do escravo fugitivo, apenas a sua nação *Nhombombe*, e por ser um escravo de quatorze anos, o poder sobre este corpo era grande, pois o mesmo tinha uma longa vida de trabalho e a recompensa paga a quem encontrá-lo, seria dobrada se o conduzisse até à Cidade de Goiás:

Avizos

De hum comboio de 30 moleques novos que do Rio de Janeiro vinha para a Cidade de Goiaz, e pertencente a Sociedade – mineralógica, denominada Os seis amigos – desencaminhou-se nas alturas do Rio Corumbá, districto de S. Cruz, hum moleque de nação Nhombombe de idade de 14 annos pouco mais ou menos, cor fula, olhos vesgos, e há certeza de ter apparecido no Sitio de Luiz de tal no Emburuçu, Chapada de São Marcos: Quem o pegar, e der disso parte a Pedro Gomes Machado na Cidade de Goiaz receberá de alviçaras do mesmo Machado 20\$ rs. e se o conduzir a dita cidade receberá mais outros 20\$ rs. Goiaz 20 de Dezembro de 1830. Pedro Gomes Machado.<sup>15</sup>

Neste anúncio fica evidente que o negrinho em fuga, conforme o descrito, era vesgo por alguma moléstia ou por castigo. Descrições sobre os olhos eram frequentes nos anúncios da *Matutina Meiapontense* ao descrever os escravos fugitivos. Tais descrições feitas pelos seus

<sup>14</sup> Ofício nº 13 de 24 de março de 1828. Correspondência dos Presidentes da Província de Goiás, ANRJ – II1, pacote 738. (PARADA FILHO, 1992, p.34).

<sup>15</sup>Jornal *A Matutina Meiapontense* de 23 de dezembro de 1830.

senhores, nos possibilitou verificar a riqueza de detalhes do corpo escravo com suas marcas e sinais que revelaram uma população “constantemente atacada por problemas de saúde, pestes e castigos”<sup>16</sup>. Muitos anúncios apontaram que os escravizados possuíam os “olhos vivos e vermelhos” ou “olhos vermelhos”, o que poderia indicar algum problema na visão. Gilberto Freyre (1979) relatou que certos casos de doenças de olhos que referiam os anúncios de negros fugidos, seriam talvez manifestações de carências de vitaminas A, causada pela falta de nutrição conveniente e suficiente, o que levaria a oftalmia, uma cegueira noturna parcial ou total, que deixava os olhos irritados e vermelhos.

Karash (1999) fez contribuição ao tema ao relacionar saúde e nutrição e também o problema da oftalmia, pois para esta autora “Na capitania de Goiás, a oftalmia pode ter sido causadas por acidentes, glaucoma não tratado, catarata, deficiência de vitamina A, ou por moléstias contagiosas como a lepra, varíola, sarampo e sífilis”. (p.30). A oftalmia era conhecida por ser doença de negro, pois

Nas cidades litorâneas onde chegavam os escravos africanos, no entanto, as doenças conhecidas como oftalmia eram associadas ao tráfico negreiro, isto é, a conjuntivite e o tracoma que se alastravam com a chegada de africanos infestados. Outra causa da cegueira em africanos era a oncocerquíase, causada por um nematódeo. As pessoas infectadas por esse parasita não apenas apresentavam grandes nódulos e um atormentador prurido (sarna?), mas também tinham perda progressiva da visão e cegueira”. (KARASH, 1999, p.31)

No caso de Goiás, a oncocerquíase<sup>17</sup> pode ter cegado muitos negros, uma vez que muitos escravos africanos que estavam em Goiás eram provenientes de países onde a doença era endêmica, como Gana e a República Democrática do Congo, o antigo Zaire. A causa não epidêmica da doença na Província de Goiás era provavelmente a falta de vitamina A, quadro que segundo Karash (1999) e Magalhães (2014) apontava para um cenário de fome e dietas pobres na Província.

<sup>16</sup>DIAS, Elaine Cristina Jorge. As condições físicas e de saúde dos escravizados nos anúncios de jornais da Paraíba Oitocentista (1850-1888), UFPE, 2011. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista/index.php?prog=mostraartigo.php&idcodigo=220>. Acesso em 28/12/2015.

<sup>17</sup>A oncocerquíase, também conhecida como oncocercose ou "cegueira dos rios", é uma infecção parasitária que ocorre após a picada de um mosquito preto, encontrado nas proximidades de rios com forte correnteza. Um verme parasita entra no corpo humano e produz milhares de larvas que infectam a pele e os olhos. Quando os vermes morrem, eles se transformam em substâncias tóxicas para a pele e os olhos, causando forte irritação e lesões nos olhos. Após ficarem expostas por um longo período, essas lesões podem evoluir para visão subnormal ou cegueira irreversível, assim como para doenças dermatológicas desfigurantes. A cegueira dos rios é uma doença endêmica na África Central, Oriental e Ocidental, em partes da América Latina e no Iêmen, no Oriente Médio.

Márcia Amantino (2007) afirmou que em alguns casos, esta limitação física poderia constituir grande vantagem para o senhor, já que escravos cegos ou com outras deficiências eram colocados nas ruas para esmolar, revertendo o lucro para seu dono. Porém é importante destacar, que o fato de os escravizados serem descritos nos anúncios de fuga com os olhos vermelhos poderia ser sinal de consumo de bebidas alcoólicas, uso de fumo e mesmo de maconha (*cannabis sativa*), já que consumidos em grande quantidade deixavam os olhos vermelhos como a oftalmia.

O documento a seguir, com data de 14 de junho de 1831, apontou mais uma vez, que problemas oftalmológicos, seja por moléstias ou castigos, estiveram constantemente presentes nas descrições dos escravos fugitivos em Goiás, até mesmo, quando estes eram capturados pela autoridade que mandara avisar o seu senhor ou procurador para receber o fugitivo.

Aviso

O Sr. Commendador Joaquim Alz. de Oliveira Juiz de Paz dessa Parochia fez prender um preto de nome Francisco Criolo, com huma velide nos olho direito; diz ser escravo de Manoel Joaquim morador do Districto de S. Domingos da Comarca de S. João das Duas Barras de quem fugira; e pose seo Sr. ou seu Procurador mandal-o receber. [Grifo nosso]

Os sapatos não eram usados pelos escravizados, uma vez que este era tido como o “emblema da liberdade”, e por isso, estes estavam sujeitos a ter vários danos nos pés. (DIAS, 2011). Mary Karasch (2000) afirmou que um perigo para o escravo que andava descalço era o bicho-de-pé, que caso não fosse bem removido, o inseto colocava seus ovos sob a pele, causando infecções sérias que podiam deixá-los aleijados. Além disso, era comum nos anúncios informações a respeito das unhas e dedos dos escravizados: “uma unha do pé lascada”, “dêdos arrebitados”, “faltando-lhe o dedo mínimo do pé direito”. Estas descrições evidenciam diversos problemas de saúde causados pela falta de sapatos, a fragilidade e vulnerabilidade dos pés escravos descalçados.

Segundo Sônia Magalhaes (2014), outras doenças também estavam presentes nesses anúncios, “como a geofagia, ancilostomíase, esquistossomose, maculo, bicho de pé, ainhum e boubá [...]”. (MAGALHÃES, 2014, p. 45). A boubá<sup>18</sup>, doença bacteriana causada pelo

<sup>18</sup> A doença é transmitida aos primatas (humanos, gorilas, chimpanzé e babuínos) pelo contato pele-a-pele com uma lesão infecciosa. A bactéria que entra através de um corte pré-existente, morder ou arranhar. Faltam estudos sobre casos de transmissão de primatas a humanos, mas um experimento indica que é possível. Não é considerada uma doença sexualmente transmissível como a sífilis, pois não é necessário contato sexual para a transmissão. O ciclo de desenvolvimento da doença é semelhante a do *Treponema pallidum* (Sífilis) tendo um

*Treponema pallidum pertenue*, que deixou marcas por todo o corpo do escravo José, foram características descritivas marcantes em seu anúncio de fuga:

Annuncio.

A José da Costa de Carvalho fugio hum escravo de nome José, crioulo, estatura ordinária, cheio de corpo, cara redonda, pinta de branco assim na barba, como na cabeça, com o nariz, e beiços feridos de bobas; orelhas grossas da mesma moléstia: com um grande calo de ferida na perna direita, de idade de 40 para 50 annos mais ou menos. O Annunciante promete dar 12\$000 rs. a quem o pegar, e trazer, e se for fora da Provincia dará 30\$000<sup>19</sup>.

Além desta fonte caracterizar a presença da boubá, podemos inferir também a presença de uma possível elefantíase, já que na descrição, o escravo foi apresentado como cheio de corpo (inchado), além de traços físicos que facilitaria sua localização, como a pinta branca na barba e na cabeça, ou seja grisalho.

Alguns historiadores tratam que as modificações intencionais no corpo do escravizado eram principalmente as dentárias. Em muitos anúncios verificam-se diversos aspectos ligados à saúde dentária dos escravos ou ainda a falta de dentes, que poderia, em alguns casos, estar ligada a questões estéticas e culturais dos escravizados: um dente da frente quebrado; dentes limados; com falta de alguns dentes da frente; com todos os dentes da boca; dentadura bôa; dentes perfeitos e limados.

Para Gilberto Freire (1979) as alterações dentárias, sobretudo os dentes limados, talvez fossem dentre as marcas de caráter étnico, as registradas em maior número nos anúncios de jornais brasileiros do tempo do Império, embora as que se referiam a dentes extraídos faltaram os pormenores que lhes dariam verdade antropológica. Da *Matutina Meiapontense* insurgem dois anúncios demonstrando claramente a falta de dentes dos escravos, mas não ficou especificado se era um caráter étnico, maus tratos ou doença.

Annuncio

A Antonio Joaquim Glz. de Mattos, morador no Alegre, districto de Villa do Pyracatú fugio desde Janeiro do corrente anno hum escravo de nome João, cabra, alto, e grosso de corpo, bem barbado com uma pinta de cabello branco no queixo inferior e da parte direita; com a cicatriz de huma brecha na cabeça da mesma parte; bem fexado de cabellos no peito, e com idade de 30 anos. O annunciante promete 20\$000 á quem o pegar.<sup>20</sup>

---

estágio primário com um ou mais "verrugas" indolores pouco contagiosas, um estágio secundário onde lesões surgem e regridem por todo o corpo sendo muito contagiosa, algumas vezes acompanhadas de pus, e um estágio terciário onde regiões da pele, ossos e cartilagens são progressivamente deformados e pouco contagiosa, mas muito mais incapacitante.

<sup>19</sup>Jornal *A Matutina Meiapontense* de 28 de Abril de 1832.

<sup>20</sup>*A Matutina Meiapontense* de 10 de Maio de 1832.

Annuncio

A Costodio Barboza de S. Miguel, morador na Cidade de Goyaz, fugio na noute de 25 de Setembro do corrente hum Escravo de nome Domingos, Nação crioulo, com os seguintes signaes: meio fula, estatura alta, corpo proporcionado, pouca barba, com falta de dentes na parte de cima, rosto redondo, idade de 30 a 40 annos. A quem o mandar prender se satisfarão todas as despesas.<sup>21</sup>

No entanto, cabe salientar que a perda dentária em vida pode ser resultado de diversos fatores, como por exemplo, a cárie dentária não tratada, que pode ter sido muitas vezes causada pela sacarose, provavelmente pela ingestão de cachaça, maus tratos com os dentes, brigas, acidentes ou até mesmo castigos. (KARASH, 1999).

Em vários anúncios, os escravos são descritos com cicatrizes, as quais muitas delas poderiam ser indícios das más condições de trabalho e mesmo de castigos. Acrescenta-se a este fato que a violência não era apenas física, mas como também psicológica e que ambas poderiam provocar problemas de estresse nos escravizados. Márcia Amantino (2007) comentou que as doenças de caráter psicológico podem ser indicativas das constantes pressões emocionais enfrentadas pelos escravos durante toda a vida, resultando em problemas emocionais como a gagueira, que poderia ser reflexo das pressões, medos e traumas na infância.

Nos anúncios de jornais é possível identificar indícios de desvios psicológicos nos escravos: “gago”, “tem a fala um tanto baixa”, “costuma olhar para os pés quando fala”, “costuma olhar para baixo” e, “anda apressado e olhar um pouco espantado”. Todavia, estes são apenas indícios, visto que os anúncios de fuga de escravos não visavam comentar sobre os problemas de saúde dos escravizados, limitando-se apenas a descrevê-los, já que a intenção era tão somente capturar o negro em fuga.

Alguns escravos possuíam ainda problemas com os “vícios”. Muito senhores relatavam nos anúncios de fuga que o escravizado fugido possuía alguns “vícios”: “gosta de tomar bebidas alcoolicas”, “toma tabaco”, “gosta de beber e tomar tabaco” e, “fuma sigarros”. O consumo de álcool era fruto da tendência à degeneração e não um hábito adquirido, sendo a maioria das vezes, para disfarçar a fome, aguentar o excesso de trabalho e o frio. E também o consumo de bebidas alcoólicas entre os escravos poderia estar associada aos raros momentos de diversões que estes teriam.

---

<sup>21</sup>A *Matutina Meiapontense* de 17 de Novembro de 1832.

A este respeito, Gilberto Freyre (1979) chamou atenção para o fato deste tipo de “vício” ter sido comum, principalmente, entre os negros de engenhos e de regiões dominadas pelo açúcar. Além disso, Mary Karasch (2000) argumentou que a aguardente ou a cachaça era um gênero barato da dieta dos cativos, fazendo desta forma parte das refeições, dando suplemento as dietas inadequadas.

As doenças e epidemias que dizimavam a população afetavam particularmente os escravos, em face às condições que viviam. Geralmente as condições de alojamento dos escravizados eram péssimas, pois dificilmente as senzalas eram construídas com tijolos e telhas, sendo a maioria fria, com pouca ventilação e insalubres, tendo paredes construídas com barro e cobertas com folhas de bananeiras. Nestas condições em que vivia grande parte da população no Brasil em meados do século XIX, respondem por ser um dos fatores que ocasionaram vários surtos epidêmicos que se repetiam com pouco intervalo, a exemplo da febre amarela, cólera, bócio, varíola ou bexiga, que se espalhavam rapidamente pelo Sertão. Sendo assim, Silveira e Nascimento (2004) apontaram que considerar a saúde e a doença como realidades orgânicas independentes tanto do espaço e do tempo, quando das características dos indivíduos e dos grupos atingidos por uma doença, é restringi-las à leitura exclusiva do saber médico e não percebê-las como realidades que dimensões sociais.

Os maus tratos e as péssimas condições de vida eram os principais motivos que levavam os escravizados a fuga e também às doenças que estavam sujeitos. E mesmo os doentes mais graves eram procurados pelos seus senhores, anunciando-os no jornal *A Matutina Meiapontense* e admitiam gratificar pelos escravos capturados, remetendo não somente a lógica econômica, mas também a social, buscando o controle dos cativos, pois recapturando os fugitivos, estes serviriam de exemplos para o demais.

A partir dos dados esboçados percebemos que a saúde, a doença, e as condições físicas dos escravizados portam significados complexos que ultrapassam a dimensão biológica do cativo, pois as condições de cativeiro, como moradia, vestimentas, alimentação e condições de trabalho, foram determinantes para o desenvolvimento das doenças e agravamento de problemas de saúde.

Assim, o corpo passou a ser considerado um objeto possível do controle disciplinar, sendo que o domínio sobre o corpo e sobre o modo de vida dos indivíduos, evitava sutilmente

possíveis levantes e protestos, mostrando-se mais eficiente. Uma vez adestrado, este sujeito seria submisso ao sistema que era imposto, contribuindo para o equilíbrio e a ordem. Estendendo-se para outros espaços que não necessariamente pretendem punir, esta forma de poder também se manifestou através da vigilância e eminência de formas de punição que castigava o corpo, não só de forma física, mas psicológica e biológica.

Portanto, mesmo que os anúncios de escravos nos forneceram apenas indícios das condições físicas e de saúde dos cativos, a partir dos sessenta e seis anúncios pesquisados, foi possível chegar a algumas conclusões e hipóteses a respeito das condições em que viviam os escravizados na Província dos Goiás entre os anos de 1830 e 1833. Os maus tratos, a má alimentação, o excesso de trabalho e os castigos eram as causas para a fuga de negros em Goiás durante o século XIX, assim como, para seus problemas físicos e de saúde. Nos anúncios de fuga foi possível perceber a “voz do senhor” ao descrever as condições físicas e de saúde do negro, que eram determinantes para a composição do “retrato falado” do escravo fugitivo, corroborando assim, com a ideia de que os senhores exerciam poder sobre os corpos escravizados, com seres submissos e adestrados à essa condição, como também, nos anúncios do jornal *A Matutina Meiapontense*, que buscava a manutenção da ordem escravista.

## REFERÊNCIAS

### Documentação Avulsa

#### **Fundação Educacional da Cidade de Goiás (FECIGO- Casa Frei Simão Dorvi)**

Processos-crimes avulsos e sem tratamento historiográfico que citaram ou envolveram escravos no século XIX e sem numeração nas caixas.

#### **Arquivo Histórico do Estado de Goiás (AHEG)**

Caixas de documentação avulsa: 001, 017, 054, 101.

### Fontes Impressas

*A Matutina Meiapontense*, volumes II, III, IV de 05 março de 1830 a 28 de dezembro de 1833.

### **Fontes on-lines**

AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850. In: Revista História, Ciência, Saúde- Manguinhos, Rio de

Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1377-1399, out./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n4/14.pdf> Acesso em: 20/09/2015.

Coleção das Leis do Império do Brasil. Imprensa Nacional. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio>. Acesso em: 02 dez. 2015.

DIAS, Elaine Cristina Jorge. As condições físicas e de saúde dos escravizados nos anúncios de jornais da Paraíba Oitocentista (1850-1888), UFPE, 2011. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista/index.php?prog=mostraartigo.php&idcodigo=220>. Acesso em 28/12/2015.

MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0032.pdf>. Acesso em 15/11/2015.

VIANA, Iamara da Silva. Corpo escravizado: discurso médico sobre anatomia, e cura no Rio de Janeiro do Oitocentos. Disponível em: <http://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Iamara-da-Silva-Viana-texto.pdf>, acesso em 30/12/2015.

### **Livros e Dissertações**

CHALHOUB, S. Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, Emília Viotti da. Da senzala à Colônia. 5ª ed. São Paulo: UNESP, 2010.

FERRARI, Ana Josefina. A voz do dono: Uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos. Campinas: Editora Pontes, 2010,

FERREIRA, Ricardo Alexandre. Crimes em comum: escravidão e liberdade sob a pena do estado imperial brasileiro (1830-1888). São Paulo: UNESP, 2011.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. 46ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

GORENDER, Jacob. O Escravismo colonial. São Paulo: Ática, 1978

IMBERT, J.B.A. Manual do Agricultor Brasileiro ou Tratado Doméstico sobre as enfermidades dos Negros. Typographia Nacional, 1839.



KARASH, Mary C. História das doenças e dos cuidados médicos em Goiás. In: FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de.(Org.). Saúde e doenças em Goiás. A medicina possível. Goiânia: UFG, 1999 p. 19-62.

\_\_\_\_\_. A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo: Cia das letras, 2000.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. Males do sertão: alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX. Goiânia: Cãnone Editorial, 2014.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. *O Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara e os trabalhadores da Cidade de Goiás*. In: FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de.(Org.). Saúde e doenças em Goiás. A medicina possível. Goiânia: UFG, 1999, p. 129-168.

MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, V, 1986, Águas de São Pedro. Anais... Águas de São Pedro: [s.n.], 1986.

PALACIN, Luis. O século do ouro em Goiás (1722-1822): estrutura e conjuntura numa capitania de minas. Goiânia: UCG. 1986.

PARADA FILHO, João Carlos. Quando a corda arrebenta do lado mais forte: senhores e escravos em Goiás (século XIX). Dissertação de mestrado. Goiânia: UFG, 1992.

RABELO, Danilo. A normalização dos comportamentos na Cidade de Goiás, 1822-1889. Goiânia: UFG, 2010.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da; NASCIMENTO, Dilene Raimundo. A doença revelando a história: uma historiografia das doenças. In: Uma história das doenças brasileiras. Dilene Raimundo do Nascimento, Diana Maul de Carvalho (Orgs). Brasília: Paralelo 15, 2004.